

A BUSCA DE INFORMAÇÃO POR ALUNOS DE NÍVEL MÉDIO TÉCNICO INTEGRADO

CLÁUDIO CÉSAR PEREIRA*
ELISMAR VICENTE DOS REIS**
LINETE BARTALO***
MIGUEL LUIZ CONTANI****

RESUMO

O comportamento informacional pode ser conceituado como o conjunto de atividades desenvolvidas pelas pessoas no ambiente em que estão inseridas, com o objetivo de obter informações para atenderem às suas necessidades no momento de executar as mais variadas tarefas. O presente trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada junto a estudantes de nível médio técnico do Instituto Federal do Paraná, Câmpus Jacarezinho, com o intuito de verificar em quais espaços e fontes essa população efetua as buscas por informações, se essa procura se completa com informações efetivamente em acordo com a necessidade informacional, como esse grupo enxerga a biblioteca e como é o conhecimento das ferramentas que utilizam. A metodologia envolveu aplicação de um questionário com análise quali-quantitativa em paralelo com a literatura utilizada. As conclusões apontam uma utilização pura e simples dos motores de busca da Internet em casa e não no ambiente escolar. Mostram também que as pesquisas são de cunho imediato, geralmente realizadas em uma fonte de dados, e que os estudantes se sentem bem-sucedidos diante da satisfação de suas necessidades.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento informacional. Competência informacional. Ambiente escolar.

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Universidade Estadual de Londrina – UEL.

** Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná; mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UEL. Integra o Grupo de Pesquisas de Redes de Conhecimento.

*** Professora do Departamento de Ciência da Informação, nos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UEL. Pesquisadora na área de Gestão da Informação e do Conhecimento.

**** Professor na área de Comunicação, com ênfase em Tradução Intersemiótica.

ABSTRACT

The informational behavior can be conceptualized as a set of activities performed by people in the environment where they operate, with the purpose of obtaining information to meet their needs when performing demanding tasks. This paper brings the results of a survey of high technical level education students of the Federal Institute of Paraná, Jacarezinho Campus, in order to verify in which spaces they search for information, if such demand is fulfilled with information effectively needed, how this group sees the library, and what is their knowledge of the tools used. The methodology involved a questionnaire with qualitative and quantitative analysis in parallel with the literature used. The findings point to a pure and simple use of Internet search engines at home and not in the school environment. The search is shown to attend immediate needs, usually held in a data source, and students feel successful on the satisfaction of their needs.

KEYWORDS: Informational behavior. Information literacy. School environment.

1 INTRODUÇÃO

O comportamento humano deriva de uma multiplicidade de fatores e do contexto em que uma pessoa se encontra inserida, e é também indiscutível que há influência direta de um contexto informacional. Nem sempre esse usuário se dá conta, mas ele desenvolve um comportamento que pode ser conhecido e aperfeiçoado. No que diz respeito ao comportamento informacional, podemos afirmar que os indivíduos procuram por informações com o intuito de resolver problemas que envolvem seu cotidiano.

Segundo Choo (2003), é fato comprovado que as pessoas usam a informação para resolver problemas ou desenvolver tarefas. O ambiente social no qual a informação é encontrada determina seu valor e sua importância para a solução de problemas. Neste artigo, abordaremos pontos inerentes ao comportamento informacional de estudantes quando buscam melhorar seu nível de instrução, mais especificamente, jovens que cursam o ensino de nível médio integrado ao ensino técnico no Instituto Federal de Educação, Câmpus Jacarezinho.

Para este estudo, foram referenciados alguns conceitos, entre muitos, de comportamento informacional e, conseqüentemente, da questão da competência informacional. Apresentam-se algumas reflexões acerca das tecnologias e dos diversos fatores que influenciam a busca por informação. Os resultados foram analisados com base na literatura abordada.

A informação passou a ser o diferencial entre as pessoas; ter

informação e saber utilizá-la pode fazer grande diferença entre progredir ou não nos estudos. Este trabalho busca contribuir na estimulação de alunos e professores desse nível de ensino sobre a importância de compreender a utilidade da competência informacional. Do ponto de vista da Ciência da Informação, um estudo deste universo tenta enriquecer análises e fazer avançarem conceituações. O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI da Universidade Estadual de Londrina – UEL amplia seu campo de estudo na linha de pesquisa *Compartilhamento da Informação e do Conhecimento*.

Os objetivos são extraídos das seguintes indagações: quais os espaços e onde os estudantes dessa faixa etária realizam as buscas por informações? Em relação às necessidades de busca, como eles se sentem? Qual a visão que os estudantes têm da biblioteca escolar? Como é o conhecimento das ferramentas que utilizam para buscar as informações de que necessitam?

Com base na literatura e nos resultados de estudos anteriores, é possível constatar que estamos diante de um novo tempo, novos desafios e novas oportunidades.

2 COMPORTAMENTO E COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

Numa associação com o conceito mais amplo de comportamento, Bartalo, Di Chiara e Contani (2011, p. 1) comentam que o comportamento humano pode ser visto como “um conjunto de ações de um indivíduo diante de uma situação”, de forma que essa conduta pode ser influenciada por sentimentos e motivações. O comportamento humano (materno, social, afetivo) externo (executado) depende de fatores internos (cognitivos). Da mesma forma, encontramos o que chamamos de comportamento informacional, que é um dos comportamentos humanos.

Davenport (1998) define comportamento informacional como o modo como os indivíduos lidam com a informação, incluindo a busca, uso, alteração, troca, acúmulo e também o ato de não dar importância a certas informações. Para Dudziak (2001, p. 147), a competência em informação é definida como “a pesquisa, estudo e aplicação de técnicas e procedimentos ligados ao processamento e distribuição de informações com base no desenvolvimento de habilidades no uso de ferramentas”.

Nesse sentido, Bartalo, Di Chiara e Contani (2011) comentam que o comportamento informacional decorre da necessidade de informação do próprio indivíduo, em que avaliar, comparar e

processar servem para suprir essa necessidade, entretanto reconhecer a necessidade é o passo primordial, e ter habilidade para usar em seu benefício complementa o ciclo. Assim, é visto como a capacidade de aprender a aprender pela facilidade de encontrar e usar a informação de forma adequada.

Já para Miranda (2006), o comportamento informacional é aquele desenvolvido pelos indivíduos para buscar as informações nos mais variados canais e fontes, sendo que todo o trabalho realizado é no intuito de atender uma necessidade informacional. Para que as necessidades sejam atendidas e as pessoas consigam resolver suas questões, nem sempre o que conta é a quantidade de informação, mas a qualidade com que chegam e podem ser utilizadas. Além disso, não se pode perder de vista que todo processo de busca envolve um trabalho mental.

No ambiente escolar, encontramos a competência informacional para aprendizagem, que pode ser encarada como a habilidade em saber buscar as informações necessárias ao desenvolvimento do aprendiz. A informação é componente primordial do tirocínio, porém diversos fatores internos e externos podem influenciar na sua busca. A escola, neste caso, não é mais responsável única pelo aprendizado, pois este é produzido pela ação mental do indivíduo, uma ação pertinente a cada ser humano – o seu papel seria o de formar o sujeito para aprender a aprender. Em conformidade, há que se pensar num sujeito capaz de criar o conhecimento de forma autônoma, identificar o que já se sabe, localizar os problemas e ser capaz de encontrar informação de forma que ela seja aproveitada para resolver novas questões.

Lanzi (2012, p. 36), referencia informação, conhecimento e comportamento: “informação distingue-se, sem se separar, quer de conhecimento, quer da comunicação, constituindo não uma substância indefinida e etérea, mas sim um fenômeno humano e social, suscetível de ser conhecido cientificamente”. Assim, nesta mesma direção, Choo (2006, p. 66) define que “a informação e o *insight* nascem no coração e na mente dos indivíduos e a busca e o uso são processos de contingências cognitivas, emocionais e situacionais”.

O cotidiano humano é cercado de acontecimentos e circunstâncias diferentes a todo momento, e cada um reage conforme seus preceitos. A competência informacional não é algo simples, mensurável; ela deriva de uma série de fatores peculiares. Não podemos dizer que sabemos quando uma pessoa é competente em informação, pois há que se pensar em

características, momentos e comportamentos distintos, próprios da individualidade do ser humano. Desta forma, Gasque (2012, p. 34) argumenta que “competência não pode ser compreendida como conhecimento, saber fazer ou atitude, mas designa a capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar situações específicas”. Acrescenta que competência é um exercício que não dispensa complexas operações mentais, às quais se associam “esquemas de pensamentos que permitem determinar e realizar ações relativamente adaptadas à situação”.

Segundo Monereo e Badia, a definição de competência informacional pode ser entendida como

um conjunto de conhecimentos [...] que permitiriam a uma pessoa enfrentar com êxito os problemas corriqueiros e os novos em um âmbito da atividade humana. Neste caso, deveríamos falar dos problemas típicos e os que aparecem durante as fases distintas do processo de gestão da informação que, [...] com muito poucas variantes, seriam: a busca, recuperação, análise, tratamento, comunicação e aplicação da informação. (2012, p. 77, tradução nossa).

Dessa forma, podemos perceber que o comportamento informacional deriva de vários fatores como sentimentos, fatores sociais e cognitivos que influenciam a conduta do indivíduo diante das situações. Este comportamento está ligado ao modo como as pessoas lidam com a informação, incluindo a busca, o uso, o acúmulo, a troca e até o fato de ignorar a informação em dado momento. Já a competência informacional relaciona-se à questão de direcionar esforços, conhecimentos e habilidades de forma a construir significado, conhecimento e aprendizado a partir da informação a fim de transpor problemas e questões que se apresentam no dia a dia.

3 INTERNET, INFORMAÇÃO E SOCIEDADE

Numa abordagem dos principais estudos sobre usuários, Araújo (2013) apresenta, como foco, o estudo dos hábitos de leitura. Entre os resultados obtidos estão estas constatações: os meios de comunicação de massa atendiam pouco às necessidades informacionais das pessoas; os familiares e amigos constavam como as fontes mais procuradas; as bibliotecas e outros serviços profissionais de informação eram insignificantes. Essas

constatações ainda anteciparam um assunto que seria amplamente discutido nos anos seguintes: a chamada lei do menor esforço, ou seja, a tendência dos usuários de informação a primar por fontes de fácil acesso, sem se preocupar com a qualidade do conteúdo encontrado.

O autor ainda complementa citando, como exemplo, as pesquisas de Branscomb, de 1940, e de Knapp, de 1958, que buscavam relacionar a frequência de uso das bibliotecas e o sucesso escolar. A conclusão do estudo foi, no entanto, de que a assiduidade a este espaço não era determinante no desempenho acadêmico, porém as pesquisas de comunidade contribuíram para que as bibliotecas públicas pudessem exercer sua função.

Castells (2003, p. 7) apresenta um parecer sobre a tecnologia e inicia uma de suas obras argumentando sobre o que a Internet representa para a sociedade. Conforme o autor,

a Internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial em nossa época, a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica, quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana [...] passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação.

Nas últimas décadas a tecnologia transformou o modo de armazenamento, recuperação e uso, com alcance e velocidade de propagação da informação, além de alterar a maneira com que as pessoas compartilham tais informações para seu aprendizado. É, portanto, consenso que o advento dos computadores trouxe também a rapidez, economia e versatilidade na produção de textos e imagens por meio da Internet, modificando a relação de vida em sociedade. Estamos presenciando um fato inédito na história da humanidade: nunca se produziu tanta informação em tão pouco tempo, é uma verdadeira revolução informacional.

Lembrando que o conceito de “aldeia global” é agora uma consequência das transformações do mundo diante das novas tecnologias da informação e da comunicação, Gasque (2012, p. 25) acrescenta que, pelo fato de a informação circular com mais facilidade e num espaço de tempo mais curto, não são mais necessários grandes esforços para obtê-la. “Cada vez mais, eventos, fenômenos e fatos que ocorrem em vários lugares do mundo são divulgados de forma quase simultânea. Não é preciso mais esperar dias e dias para

as notícias chegarem à população em geral, pelo menos em grande parte dos países”. (GASQUE, 2012, p. 25).

A sociedade parece nunca ter dependido tanto da informação como nos dias atuais, e o tempo é percebido como um recurso extremamente precioso. As tecnologias propiciaram o acesso às ferramentas que auxiliam na busca e utilização de informações com equalização de tempo nunca visto antes. Cabe-nos ressaltar que, não raro, nos deparamos com prerrogativas parecidas com esta em relação à tecnologia, contudo aqui nos permitimos fazer um parêntese, já que falamos também de pessoas.

A tecnologia é parte da sociedade; não há transformação pura e simples por aparatos, e sim por comportamentos inexoravelmente humanos. Nesse sentido, observamos que a atividade humana está ligada a seres pensantes, aos materiais e às representações e ideias, ou seja, a tecnologia é indissociável do ser humano e das ideias que a conceberam; assim, tecnologia não é independente: “em vez de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura.” (LÉVY, 1999, p. 22). Portanto, quando nos referimos à transformação, estamos falando do conjunto sociedade, cultura e aparatos tecnológicos totalmente ligados ao comportamento.

É o que podemos perceber nas palavras de Watts (2009, p. 27): “os homens fazem sua própria história, mas... não a fazem em circunstâncias escolhidas por si mesmos”. Podemos observar que, ao longo da história, a humanidade se deparou com diversas transformações, sejam elas econômicas, culturais, políticas ou tecnológicas. Tais transformações afetam o modo como as pessoas se comportam, de modo que em decorrência de diferentes fatores, as preocupações e anseios do ser humano podem se alterar. Entre estas transformações, destacamos, de forma especial, as da Internet, uma inovação que realmente mudou o modo como as pessoas se comunicam, encurtando espaços, alterando a quantidade de relacionamentos, criando novos meios de armazenamento e distribuição da informação, fazendo emergir novos cenários e ambientes para interação e produção de conhecimento.

As necessidades que surgiram desse advento impulsionam os indivíduos a buscar informações mais precisas e saber como utilizá-las no momento e da forma certa. Dependendo da dimensão da questão a ser tratada, não se fazem necessárias várias buscas ou imersões em conceitualizações, basta uma simples pesquisa em qualquer motor de busca e pronto. Quando se trata de assuntos de

maior complexidade, há também um maior grau de atenção para com as competências informacionais – e a grande diferença entre as pessoas que conseguem e aquelas que não conseguem atingir seus objetivos quanto à busca e uso das informações está nas habilidades informacionais que desenvolveram.

Com a popularização da Internet, o acesso à informação tornou-se simples e rápido, mas cabe lembrar o que Gasque (2012, p. 27-28) explana quando aponta que esta facilidade de acesso não significa busca correta. Como nesse meio há muita informação, encontrar a informação correta é a grande dificuldade. Nesse sentido, não podemos nos esquecer de uma fonte de informação muito importante como os livros, sem deixar de ter em conta que a tecnologia facilita também o acesso a eles e talvez a comodidade de encontrá-los sem sair de casa faça com que o uso das bibliotecas pareça ter diminuído.

Há várias hipóteses quanto à inserção das tecnologias na sociedade: se por um lado é encarada como uma valiosa ferramenta que pode auxiliar no aprendizado, por outro pode ser vista como um mecanismo de fuga do trabalho, de aprender e de conduzir as outras atividades que não são produtivas, servindo apenas como lazer ou distração. As tecnologias são auxiliares para a formação das pessoas, mas também podem ser agentes de dispersão das atenções.

É inegável que a tecnologia trouxe muitas facilidades, mas também é adequado destacarmos esta relação por outro ângulo, sob pena de ficarmos parciais ao abordar apenas um ponto de vista. Capra (1996) explica que o próprio Norbert Wiener¹ em meados dos anos 1950 já pensava no impacto da tecnologia sobre a sociedade. Aliás, ele já falava do lado sombrio daquilo que ele havia ajudado a criar, questionando até a posição moral não muito confortável daqueles que desenvolveram esta nova ciência, pois tais avanços técnicos traziam enormes possibilidades, tanto para o bem quanto para o mal.

Percebe-se que a grande maioria dos enredos culturais estão cada vez mais se tornando dependentes da tecnologia, e a inovação tecnológica, em vez de melhorar o bem-estar da humanidade, está se tornando somente sinônimo de rapidez. Interessante também é que, mesmo naquela época, já havia a preocupação com a área educacional, pois “o empobrecimento espiritual e a perda da diversidade cultural por efeito do uso excessivo de computadores é

¹ Conhecido como fundador da cibernética.

especialmente sério no campo da educação.” (CAPRA, 1996, p. 57).

Ainda há muito a ser discutido sobre interesses como o da indústria, que prega o uso de computadores como ferramenta de aprendizagem em praticamente todas as esferas educacionais. Tais interesses omitem os efeitos nocivos, mas vamos nos ater ao entendimento de que, numa visão mecanicista, o uso de computadores infunde aos seres humanos meros processadores de informação, esquecendo-se do pensamento, conhecimento e comunicação.

Sobre esse aspecto, Capra (1996, p. 46) faz uma observação significativa:

a informação é apresentada como a base do pensamento, enquanto que, na realidade, a mente humana pensa com ideias e não com informações. [...] as informações não criam ideias; as ideias criam informações. Ideias são padrões integrativos que não derivam da informação, mas sim, da experiência. No modelo do computador para a cognição, o conhecimento é visto como livre de contexto e de valor, baseado em dados abstratos. Porém, todo conhecimento significativo é conhecimento contextual, e grande parte dele é tácita e vivencial.

Segundo Davenport (1998), o valor de algumas empresas está no conhecimento que possuem, porém de nada adianta ter meios tecnológicos avançados se o principal fator, o ser humano, não buscar corretamente a informação –, e é esta visão que trazemos para o campo educacional, onde há aparatos tecnológicos que parecem ser usados apenas para lazer e não para aprendizado. “A administração bem-sucedida do conhecimento sempre ocorre por intermédio de uma combinação entre mudanças tecnológicas e comportamentais.” (p. 110).

Quando se faz uma abordagem referente a pessoas, torna-se necessário refletir acerca de diferenças de pensamentos e, portanto, de comportamentos. Dessa forma, pode-se perceber que gerenciar comportamento não é algo tão simples, pois a informação não é algo frequentemente tangível. Para Davenport (1998), também deve ser considerado que há dificuldades técnicas para administrar a competência informacional, elencando que o principal fator para tal dificuldade advém dessas diferenças entre as pessoas.

4 FATORES QUE AFETAM A BUSCA POR INFORMAÇÃO

Além das tecnologias que interferem no comportamento informacional, existem outros fatores que afetam a capacidade dos indivíduos na busca por informações e estão ligados à cognição, às emoções e às situações que envolvem o cotidiano. Para Choo (2003), é preciso que se considerem e examinem os ambientes onde a informação é processada e utilizada. O ambiente de processamento da informação é interno ao indivíduo e constituído por suas necessidades cognitivas e reações emocionais, ao passo que o ambiente de uso é externo ao indivíduo e inclui as condições e atributos do ambiente profissional ou social que influenciam na busca e no uso da informação.

Também são identificados alguns comportamentos referentes ao processo de busca e uso da informação pelo usuário, com a intenção de modificar o seu estado de conhecimento inicial. Quanto ao uso da informação, o comportamento típico é a seleção de informações relevantes que permitam uma mudança no estado inicial de conhecimento do indivíduo ou na sua capacidade de agir. Num outro estágio, são examinadas as interações entre os ambientes de processamento e uso da informação e cada um dos comportamentos de busca e uso apontados.

A discussão psicoeducativa em relação à resolução de problemas no contexto educacional tem ganhado grande destaque na última década nas áreas onde a Internet tem sido usada de maneira intensa. Não se trata apenas de identificar as competências desejáveis, mas também de identificar e analisar os problemas dos usuários em relação ao desenvolvimento de suas competências informacionais. Monereo e Badia apontam que os principais problemas encontrados são os de definir as “demandas de condições para resolução; problemas de existência e uso de crenças e conhecimentos relevantes dos estudantes e problemas referentes a tomada de decisões, das emoções e da interação com os pares.” (2012, p. 78, tradução nossa).

Estudos mostram que quanto maior a exigência cognitiva e quanto mais fontes de informações forem utilizadas, maior poderá ser o aprendizado (GERDAN et al., 2009, apud MONEREO; BADIA, 2012). Ainda segundo os autores, outros estudos, como o de Rouet (2006), apontam que esse pensamento pode não ser o mais sensato, pois quando a demanda requer um alto grau cognitivo, os alunos utilizam padrões de respostas, apenas lendo a pergunta, lendo o texto e escrevendo a resposta, o que não garante níveis de

aprendizado sofisticado. A não-definição correta da demanda faz com que os resultados sejam básicos e inapropriados, e a simples busca em sistemas automatizados inibe a produção pessoal do usuário, que se deixa levar por resultados irrelevantes, não se aprofundando na pesquisa.

É relevante refletir acerca da interpretação das condições de apropriação da informação: quando essas condições são mais relevantes que outras na resolução de tarefas, esse momento ocorre quando o estudante está no processo de aprendizagem para resolver uma questão que exige uma resposta. A teoria de “resolução de problemas de informação” demonstra que, quando o aluno não possui conhecimento necessário para resolver uma tarefa e precisa procurar e aprender com o uso de uma nova informação, notadamente com a utilização de TIC ou Internet, ocorre todo um processo de transformação de informações em conhecimento.

O comportamento informacional do indivíduo é também influenciado pelas dimensões situacionais, que incluem os requisitos, normas e expectativas inerentes ao trabalho e aos contextos organizacionais nos quais transita. Esse contexto é denominado de ambientes de uso da informação, formados pelos elementos que afetam o fluxo e o uso das informações que chegam, saem ou circulam no interior de qualquer entidade e que determinam os critérios pelos quais o valor das informações é julgado (CHOO, 2003, p. 93).

Kuhlthau (1991) aponta para a existência de sentimentos de incerteza e apreensão, seguidos de otimismo e prontidão para a busca, nos estágios iniciais do processo de busca (iniciação e seleção). É fato que muitas vezes há um comportamento de indiferença perante tantas informações. Uma hipótese interessante seria a de que a maioria das pessoas prefere se ocupar de informações consideradas de lazer ou distração, deixando em segundo plano as informações que mantêm relações com os processos de produção, sejam elas profissionais ou educacionais.

É um grande problema quando um indivíduo precisa de uma determinada informação e não consegue encontrar – a razão para isso pode ser a baixa competência do indivíduo em buscar as informações. Há ainda pessoas altamente eficientes em utilizar tecnologias, que dominam ferramentas tecnológicas e entendem o funcionamento de vários sistemas, mas que não conhecem ou não sabem utilizar as técnicas de busca, seja por fatores cognitivos, emocionais ou situacionais.

Para Choo (2003), o usuário da informação é uma pessoa

cognitiva e perceptiva. A busca da informação é um processo dinâmico que se estende no tempo e no espaço e as situações que envolvem os indivíduos impulsionam às buscas. As necessidades de resolver determinadas questões é que determinam a importância da informação para aquele contexto.

A fim de se entender um texto de forma completa, é preciso buscar a informação, desenvolver uma compreensão inicial, interpretar, para assim poder refletir e então avaliar o texto. Diante do exposto, podemos inferir que, para recuperar a informação, o aluno precisa iniciar a investigação, procurar e, depois de localizar, selecionar as que lhe são convenientes. Esse processamento, no entanto, em sua grande maioria ocorre somente de maneira superficial.

Na segunda fase, para compreender de forma geral, é preciso que se entenda a mensagem principal, os objetivos do estudo, e conseguir encontrar os pontos principais e os menos importantes. Na fase de interpretação, a compreensão deve ser mais profunda daquilo que já se leu, fazendo comparações, apresentando opiniões, além de poder já evidenciar e refletir ante os objetos mais importantes encontrados. (VARELA; BARBOSA, 2012, p. 158).

É nesse sentido que a informação transformada em conhecimento é elencada como resultado de um processo que, embora pareça linear ou dividido por fases, depende de fatores diversos. Varela e Barbosa (2012, p. 159) afirmam que

as conexões entre os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos vão sendo estruturadas continuamente, de uma forma que é particular a cada indivíduo. Justifica-se, portanto, a expansão do movimento da *information literacy*, na medida em que está associado à qualificação do processo ensino-aprendizagem, incentivando a leitura e a pesquisa, procurando formar pessoas criativas e autônomas na busca do conhecimento.

Em conformidade, as autoras ainda destacam os estudos de Kuhlthau (1991) relacionando a recuperação e apropriação da informação, sugerindo a integração de competências informacionais ao currículo escolar, no intuito de desenvolver habilidades necessárias para o uso das tecnologias pelos estudantes, para acessar informações.

5 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Com base em Gil (2002), a presente pesquisa pode ser definida como descritiva, já que fez uso de questionário para coleta de dados a fim de estudar as características de uma população específica. Esse método de coleta foi escolhido por se adequar à metodologia e por ser de aplicação simples. O questionário foi elaborado com base em um instrumento de coleta de um estudo realizado por Abe (2009) e adaptado para esta pesquisa.

No momento de realização da pesquisa, o IFPR Câmpus Jacarezinho possuía cerca de 730 alunos; destes, 53 pertenciam à modalidade de ensino EAD, 190 encontravam-se matriculados em cursos integrados ao ensino médio, 169 faziam parte do corpo discente de cursos oferecidos pelo PRONATEC e ainda 318 estavam matriculados em cursos subsequentes oferecidos pelo câmpus. O número de estudantes que deixam de frequentar é atualizado ao final de cada ano, ou seja, para esta pesquisa, estes dados têm relevância pelo fato de corresponderem ao ano de realização da mesma². Por terem sido coletados em dezembro de 2013, compõem amostra somente alunos dos cursos integrados ao ensino médio, que representam aproximadamente 26% dos alunos do câmpus.

Todos os procedimentos de coleta de dados para a pesquisa foram seguidos respeitando os padrões éticos de investigação científica, como envio de ofício da coordenação do Programa de Pós-Graduação ao diretor do IFPR com solicitação de autorização por parte do mesmo, além do envio de pedido do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos pais dos alunos para que os autorizassem a participar da pesquisa. Os questionários foram aplicados nas salas de aula, atendendo à disponibilidade de horário de cada turma e respeitando a vontade de cada aluno em participar ou não. Mesmo com a autorização, foi destacado que não se identificassem nos formulários individuais.

Noventa e um estudantes responderam ao questionário, ou seja, 47,89% do total de 190 que pertenciam aos cursos técnicos em Alimentos, Eletromecânica e Informática, integrados ao ensino médio. Deste total, 56% da amostra se declararam como do sexo feminino e 44% do sexo masculino. O aluno mais novo tem a idade de 14 anos e 11 meses e o mais velho 18 anos e 10 meses. Este é

² Dados coletados junto a Seção de Registros e Acompanhamento Acadêmico do IFPR.

então o intervalo que compreende a idade da amostra que participou da pesquisa, e a média geral de idade dos participantes é de 16 anos e 4 meses. Os alunos estão distribuídos em 64% na primeira série do ensino médio, 19% na segunda série e 17% na terceira.

TABELA 1 – Distribuição dos alunos por curso e série

Cursos	Alimentos	Eletromecânica	Informática	Total
	48	1	42	91
	53%	1%	46%	100%
Série	1 ^a	2 ^a	3 ^a	Total
	58	17	16	91
	64%	19%	17%	100%

FONTE: dados da pesquisa

O instrumento de coleta de dados foi formulado com um total de 12 questões fechadas e ficou dividido em quatro subcategorias, de acordo com os objetivos estabelecidos pela pesquisa. Para alcançar o primeiro objetivo, foram aferidas três questões a respeito de quais espaços e onde os estudantes realizam as buscas pela informação. Todas estas perguntas podiam ser assinaladas com mais de uma alternativa, pois cada questão não tratava de um local preferido e sim dos possíveis locais de procura de informação, independentemente da preferência.

Para o segundo objetivo, foram apresentadas questões cuja marcação podia ser feita em apenas uma das alternativas, pois tinham a finalidade de verificar a percepção cognitiva das necessidades de busca por parte dos estudantes. O terceiro objetivo, que tratava da apreciação da biblioteca escolar, teve a inserção de mais três questões. Uma das questões, por exemplo, apresentava-se da seguinte forma: você costuma fazer os trabalhos na biblioteca? Além de responder sobre a frequência de uso, era preciso atribuir o motivo de assiduidade ou não nesse ambiente.

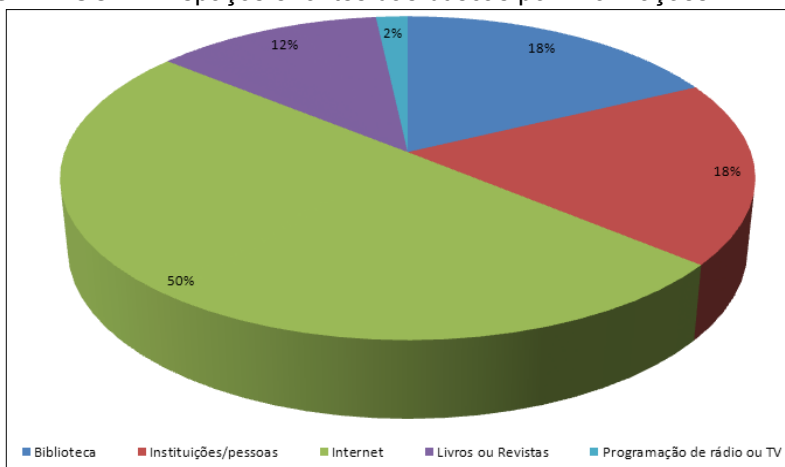
Para o último objetivo, que verificou o conhecimento das ferramentas que os estudantes usam quando fazem a busca por informação, outras duas questões foram elencadas, dando a opção de múltiplas alternativas, embora as respostas fossem fechadas. As respostas às questões foram transcritas para uma planilha do programa Excel e tiveram suas percentagens calculadas, facilitando o trabalho de análise dos resultados.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Conforme resultados apresentados no Gráfico 1, relativamente ao primeiro objetivo, é possível perceber que se confirmam as teorias de Castells (2003) e Gasque (2012), já que a grande maioria busca resolver suas necessidades de informação tanto gerais quanto escolares com o uso de bases tecnológicas, notadamente a Internet.

Muitos alunos também citaram a biblioteca escolar para procura e uso de livros como fonte de informação principal, porém com uma diferença percentual significativa em relação à Internet. O mesmo percentual de participantes que apontaram a biblioteca para busca de informação também indicaram que procuram por instituições ou outras pessoas que atuam na área ou com mais conhecimento acerca do assunto.

GRÁFICO 1 – Espaços e fontes das buscas por informações



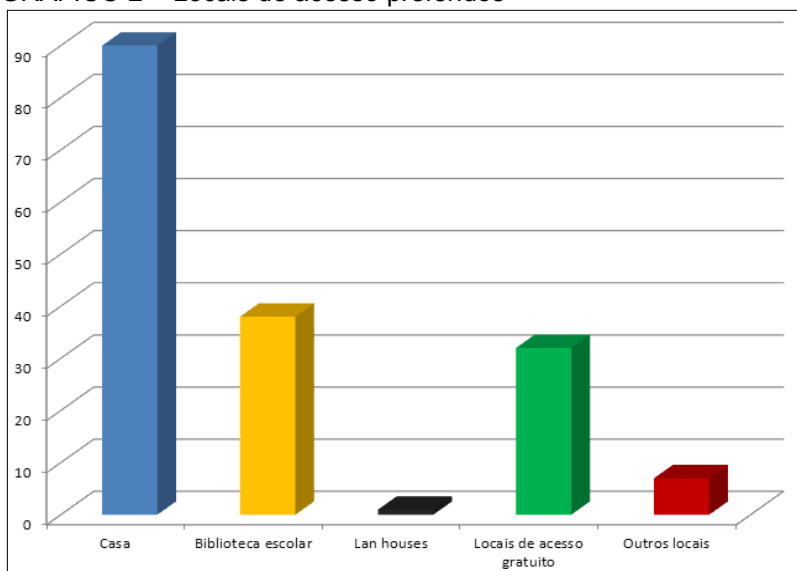
FONTE: dados da pesquisa

No entanto, a falta de interesse de uso deste espaço dentro da escola nesta pesquisa ficou clara, evidenciando o pensamento de Araújo (2013) sobre a “lei do menor esforço” ao verificar que os alunos preferem suas casas, conforme resultados que podem ser visualizados no Gráfico 2, para executarem tais tarefas visto que não raro as observações eram pelo fato da comodidade e facilidade. Isso também pode ser percebido nas justificativas de busca na

Internet, em que muitos também citaram esta variável como principal fator, além de elencarem o aspecto da rapidez.

Em relação à percepção cognitiva de necessidade de uso de mais de uma fonte de informação – e em conformidade com Choo (2003) sobre o fator interno –, por se sentirem satisfeitos com aquilo que produziam após as buscas por informações, cerca de 66% dos participantes procuravam várias fontes de dados como forma de complementar a busca. Esse percentual de participantes também declarou que sempre tinham suas necessidades atendidas quando da busca por determinado assunto. Outros 24% assinalaram que na maioria das vezes conseguem encontrar tudo o que precisam numa única fonte de dados e segundo seu entendimento, mesmo com apenas uma fonte tinham suas necessidades de busca também atendidas. Esse resultado pode ser preocupante, na medida em que a literatura aponta que a exigência cognitiva e o uso de mais fontes de informação se traduzem em melhor aprendizado.

GRÁFICO 2 – Locais de acesso preferidos



FONTE: dados da pesquisa

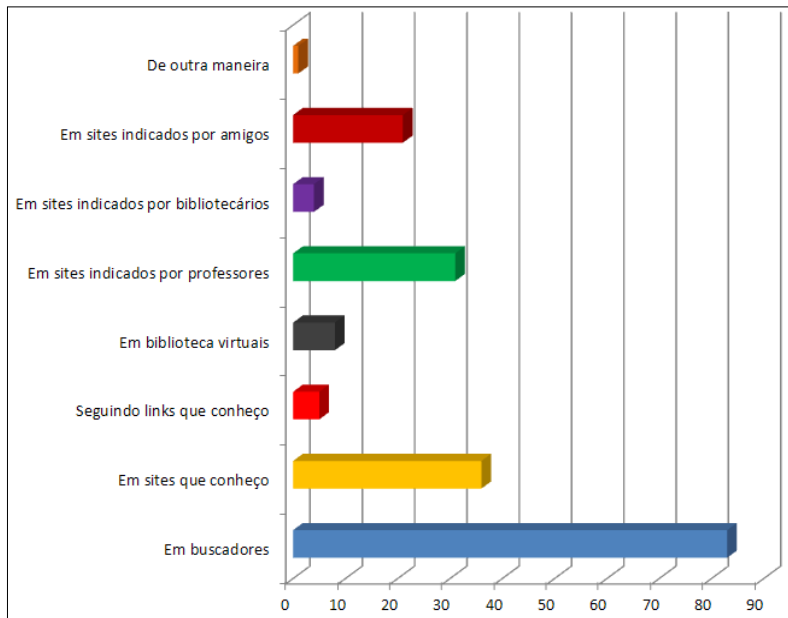
Um ponto de vista dos estudantes que se mostra contraditório é quanto a perceber a necessidade de busca em mais de uma fonte de dados, mesmo a grande maioria respondendo que apenas uma

fonte não satisfaz. Quando questionados inicialmente sobre onde buscam informações, a resposta principal foi a Internet, o que denota certa incoerência quando tais respostas são comparadas. Similarmente, percebe-se incoerência no comportamento informacional em relação à realização de uma pesquisa, pois a maior parte afirmou que buscavam informações mais completas, mesmo que tivessem que trabalhar mais, porém não citaram a pesquisa em bibliotecas como sua principal fonte de busca. A maioria dos participantes, pelo contrário, afirmou que vai à biblioteca muito raramente e prefere pesquisar na Internet em casa, pela facilidade e comodidade.

Quando Gasque (2012) argumenta sobre a pouca representatividade das bibliotecas na rede de ensino brasileira, torna-se relevante uma reflexão acerca desse fato, pois isso foi comprovado neste estudo. A falta de conhecimento sobre a importância do profissional da informação e quais suas atribuições retratam o resultado obtido em relação à representatividade do bibliotecário para os alunos, já que a maioria afirmou consultar este profissional apenas para localizar um livro na estante.

Os resultados destacaram também que os alunos procuram informações diretamente nos buscadores, e cerca 1/3 dos que responderam ao questionário buscam em sites indicados pelos professores. Isso também mostra a pouca representatividade e participação dos docentes quando o assunto é indicar fontes confiáveis de pesquisa, o que pode ser percebido nos resultados apresentados no Gráfico 3.

GRÁFICO 3 – Ferramenta e seu uso



FONTE: dados da pesquisa

Fica explicitado então o pensamento de Varela e Barbosa (2012), já que a procura nos buscadores não necessariamente se traduzem em qualidade, pois os resultados demonstram que o uso desta ferramenta acontece de forma simples, e que a grande maioria faz uma pesquisa superficial, apenas por palavras-chaves ou assunto, não usando nenhum tipo de pesquisa mais aprofundada com filtros – muitos até desconhecem que esses mecanismos existem. Os alunos não parecem preparados para encontrar o que procuram: conhece-se a ferramenta, mas não se tem a habilidade necessária para filtrar, de forma correta, o que se busca.

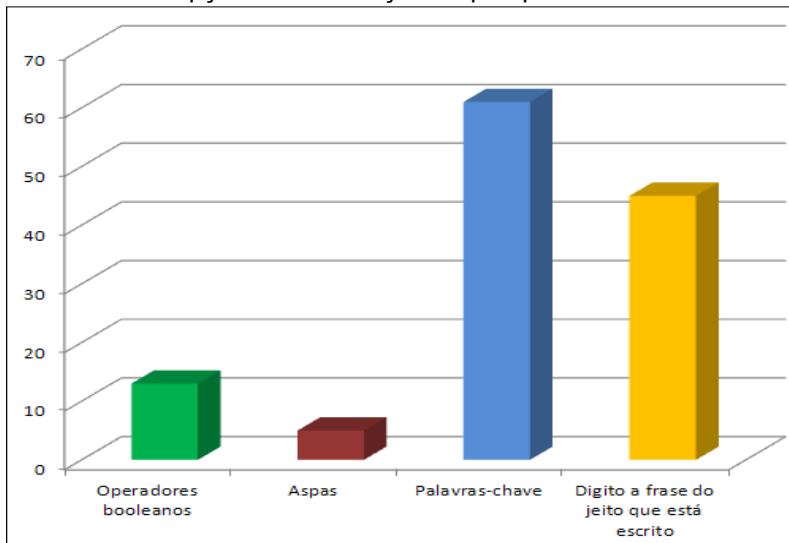
Evidencia-se também um comportamento de pesquisa imediatista, de forma fácil e cômoda, o que vai em sentido oposto ao preconizado pela busca autônoma pelo aprendizado. Davenport (1998) explanava que o conhecimento não se dá apenas pelo uso da tecnologia, mas sim pelo comportamento das pessoas, tanto na procura quanto no uso das informações. Nesse sentido, e em conformidade também com o que entendem Monereo e Badia (2012), os alunos deixam-se levar pelo modismo daquilo que todos fazem como forma de interagir com os pares.

Quando não conseguem definir corretamente o que procuram, os resultados quase sempre são básicos e não atingem melhores efeitos. A simples busca em sistemas automatizados não propicia estudar criticamente, já que se baseia nos resultados preliminares sem pesquisa aprofundada.

Ao inferirmos sobre a análise das questões que verificaram se os participantes encontram tudo o que precisam em apenas uma fonte – aqui relacionando-as com a averiguação sobre a utilização de fontes mais fáceis ou completas e como utilizam os mecanismos de busca nos meios digitais – consideramos que as buscas na Internet são realizadas de forma simplificada. Ou seja, mesmo afirmando que buscam várias fontes (66%) e utilizam as que são consideradas mais completas, mesmo que precisem trabalhar mais (77%), contradizem-se quando mostram a preferência pela busca na Internet (91%), principalmente pelas respostas com várias observações elencando o fator facilidade para esse motivo.

O Gráfico 4 demonstra que os alunos fazem suas pesquisas em ferramentas automatizadas apenas por palavras-chave (50%) ou a frase como está escrita (36%), sem nenhum tipo de filtro específico. Embora pudessem responder mais de uma alternativa para essa questão, poucos assinalaram o uso de aspas ou operadores booleanos (“e”, “ou”, “não”), presentes em tais mecanismos, os quais podem diminuir consideravelmente a quantidade de retorno dos resultados, filtrando os documentos encontrados por sua relevância específica e descartando os “genéricos” que podem até tratar do assunto pesquisado de forma geral, mas não abordam com profundidade o conteúdo procurado.

GRÁFICO 4 – Opções de realização da pesquisa



FONTE: dados da pesquisa

É relevante observar que os participantes não visualizam a biblioteca como um local de estudo e busca de informações, e sim apenas como um local de acesso a livros, além de terem a percepção de que os professores não indicam fontes de dados para execução de suas pesquisas. Como preconiza Gasque (2012), talvez os alunos estejam confundindo facilidade de acesso com busca correta. Há, na realidade, muito mais entre “acesso” e “uso” de informação do que apenas cliques.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento informacional é um vasto campo e evidentemente não se restringe às abordagens verificadas neste estudo. Porém, o presente trabalho buscou respostas junto a essa população visando compreender melhor uma questão que é cada vez mais relevante e emergente: a busca por informações e as competências que precisam ser desenvolvidas e o grau de satisfação gerado pelos resultados dessa busca. Muitas outras abordagens podem ser verificadas, assim como as suas ligações com o aprendizado. Foram apresentadas algumas reflexões de fatores como cognição, emoção e ambiente informacional que

podem influenciar na transformação da informação em conhecimento.

Desenvolver habilidades para realizar uma pesquisa e utilizar os recursos informacionais proporciona enormes vantagens diante de determinados problemas, por isso é necessário investir na formação das competências das pessoas, principalmente possibilitar condições para que se tornem capazes de encontrar a informação que realmente procuram. Com os resultados obtidos, foi possível aferir quais os espaços onde os estudantes preferem realizar a busca por informação, além de verificar o sentimento de satisfação ou não em relação às necessidades dessa busca. Também verificou-se qual a percepção dos alunos com relação à biblioteca escolar e como utilizam as ferramentas de buscas.

Os estudantes procuram informações primeiramente na Internet, deixando a biblioteca escolar em outro plano, pois a maioria afirmou que vai à biblioteca muito raramente. A escola não é o espaço preferido para realizar as pesquisas, pois os alunos preferem efetuar os estudos em suas casas, sendo elencada tanto essa preferência quanto o da Internet pela facilidade e comodidade. Dessa forma, percebe-se que a escola, mesmo que ofereça estrutura, não conseguiu motivar a ponto que os alunos incorporassem o hábito do estudo nesse ambiente. No entanto, os motivos que levam a isso não foram objeto deste estudo.

Grande parte dos alunos relatou que procura informações em mais de uma fonte de dados, e a quase totalidade declarou se sentir satisfeita com o que encontra. Constatou-se, contudo, que a Internet é a principal fonte de pesquisa, o que se opõe à quantidade de fontes consultadas, já que a biblioteca como local de pesquisa tem pouco significado. Cabe um alerta para que seja considerado com mais atenção esse espaço na escola, tendo em vista as potencialidades da biblioteca em relação ao desenvolvimento da aprendizagem.

O uso de motores de busca na Internet mostrou-se inadequado, uma vez que investigações superficiais são constantes, fato digno de preocupação, já que não há interesse de análise mais crítica dos resultados. O uso constante da tecnologia simplesmente não se traduz em aprendizado, porém a busca e o consequente uso adequados da informação acessada é o que pode remeter a uma aprendizagem mais significativa. É preocupante a constatação do apego à comodidade e superficialidade dos resultados obtidos na busca por informação realizada de forma incompleta, inadequada. Apesar de utilizarem buscadores, os alunos não possuem

conhecimentos mínimos de refinamento no momento da procura, portanto não conhecem estratégias básicas de busca, o que compromete o processo de aprendizagem.

Foi possível constatar que, por haver muita informação, a dificuldade maior é encontrar aquela que realmente seja útil. O que se nota é que nunca houve tanta informação e que, cada vez mais, as pessoas se perdem em meio a tantos recursos. Tornou-se um problema o fato de haver uma avalanche de informação e as pessoas não terem desenvolvido as habilidades necessárias para explorá-las como forma de satisfazer suas necessidades.

As instituições carecem de profissionais que realizem trabalhos de conscientização em relação ao que seja “dar-se por satisfeito com resultados de busca”. Trata-se de fazer compreender o que significa comportamento informacional e competências para a busca de informação, apresentando as possibilidades existentes nas bibliotecas e as atribuições do profissional da informação no que tange a pesquisa escolar. Ademais, faz-se necessário incutir o pensamento de que a tecnologia é apenas um instrumento facilitador, porém não o único quando se busca informação.

REFERÊNCIAS

ABE, Veridiana; **A busca da informação na internet**: bibliotecários e estudantes de ensino médio de escolas particulares de Itajaí e Florianópolis. 2009. 144f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A perspectiva de estudos sobre os sujeitos na Arquivologia, na Biblioteconomia e na Museologia. **Emquestão**: revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 19, n.1, p. 213-238, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/37518/27724>>. Acesso em: 17 dez 2013.

BARTALO, Linete; DI CHIARA, Ivone Guerreiro; CONTANI, Miguel Luiz. Competência informacional: suas múltiplas relações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 24., 2011, Maceió... **Anais**. Disponível em: <<http://www.febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/596/411>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1996. 249p.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 239p.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2003.

_____. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Ed.

Senac, 2006. 425p.

DAVENPORT, Thomas H. Cultura e comportamento em relação à informação. In: _____. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 1998. cap. 6, p. 109-139.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. São Paulo, 2001. Dissertação [Mestrado] – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029>>. Acesso em: 5 ago. 2013.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, UnB, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KUHLTHAU, C. C. Inside the search process: information seeking from the user's perspective. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 42, n. 5, p. 361-371, 1991.

LANZI, Lucirene A. Cantini. Do papel às TIC: o dinamismo da contação de história através do viés digital. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 26, n. 2, p. 31-46, jul.-dez. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/2312/2209>> Acesso em: 15 out. 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. 264p. Coleção Trans.

MIRANDA, Silvana. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set.-dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a10.pdf>> Acesso em: 21 nov. 2013.

MONEREO, Carles; BADIA, Antoni. La competencia informacional desde una perspectiva psicoeducativa: enseñanza basada en la resolución de problemas prototípicos y emergentes. **Revista Española de Documentación Científica**, n. monográfico, p. 75-99, 2012.

VARELA, Aida; BARBOSA, Marilene Lobo Abreu. Trajetórias cognitivas subjacentes ao processo de busca e uso da informação: fundamentos e transversalidades. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 17, n. esp. 1, p.142-168, 2012.

WATTS, Duncan J. **Seis graus de separação**: a evolução da ciência de redes em uma era conectada. Tradução André Alonso Machado. São Paulo: Leopardo, 2009. 269p.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

**Agradecemos por participar desta pesquisa.
Por favor, não deixe nenhuma questão em branco.**

Idade: _____ anos _____ meses.

Sexo: () feminino () masculino

Série do ensino médio _____ Curso: () Tec. Inf. () Tec. Ali.

Considerando que uma fonte de informação é o local de onde se podem extrair aquelas informações de que você precisa (pode ser um livro, revista, página da Internet, programa de TV ou rádio, uma pessoa que sabe e pode compartilhar com você, e outras tantas onde se podem encontrar respostas para atender seus questionamentos) responda às seguintes perguntas:

1) Quando precisa saber de algum assunto ou tem alguma curiosidade, você procura por informações numa (assinale quantas alternativas desejar):

- a () biblioteca
 - b () conversa com alguma pessoa que tem mais conhecimento sobre o assunto
 - c () busca pela Internet
 - d () livraria ou banca de revistas
 - e () programação de TV ou rádio
-

2) Para a realização de uma pesquisa escolar que requeira buscar informações sobre um tema, você (assinale quantas alternativas desejar):

- a () procura por materiais que já tem em casa
 - b () vai até uma biblioteca
 - c () pesquisa na Internet
 - d () procura por instituições ou pessoas que atuam na área
 - e () procura em canais de TV ou rádio
 - f () outros
-

3) Você acessa a Internet nos seguintes locais (assinale quantas alternativas desejar):

- a () em casa
 - b () na biblioteca escolar
 - c () em *lan houses*
 - d () em locais de acesso gratuito
 - e () em outros locais
-

4) Se vai à biblioteca, você busca informações em (assinale quantas alternativas desejar):

- a () revistas
 - b () jornais
 - c () livros
 - d () CD-ROM
 - e () DVDs
 - f () enciclopédias
 - g () outros. Quais? _____
 - h () não costumo ir à biblioteca
-

5) Ao realizar suas buscas pelas informações, você tem encontrado tudo o que precisa numa única fonte?

- a () sim, as fontes que uso são completas
 - b () não, sempre preciso buscar em mais de uma fonte
 - c () na maioria das vezes
 - d () na minoria das vezes
-

6) As informações que você buscou atenderam as suas necessidades?

- a () sim, sempre
 - b () não, tenho ficado muito insatisfeito
 - c () na maioria das vezes consegui o que precisava
 - d () na minoria das vezes, pois sempre faltavam algumas informações ou estavam incorretas
-

7) Caso você não encontre tudo o que precisa numa única fonte, você:

- a () procura em outras fontes
 - b () se contenta com os resultados encontrados
 - c () não sabe responder
-

8) Para realizar suas pesquisas utilizando uma ou mais fontes, geralmente você:

- a () utiliza as que forem mais fáceis
 - b () utiliza as que são consideradas mais completas, mesmo que precise trabalhar mais
 - c () utiliza aquelas que tem, porque não tem outras
 - d () utiliza aquela que você domina, porque outras você não sabe utilizar com a mesma habilidade
-

9) Você costuma fazer os seus trabalhos na biblioteca? (se você assinalar a alternativa **b** ou **c**, não esqueça de responder por extenso).

- a () Sim, frequentemente;
- b () Raramente. Por quê? _____
- c () Nunca. Por quê? _____

10) Você pede ajuda ao bibliotecário para (assinale quantas alternativas desejar):

- a () localizar um livro na estante
 - b () localizar informações sobre um tópico de meu interesse
 - c () ajudar-me a fazer um trabalho escolar
 - d () conhecer mais sobre um assunto
 - e () não peço ajuda ao bibliotecário
-

11) Quando utiliza a Internet, você busca informações (assinale quantas alternativas desejar):

- a () em buscadores (Google, Yahoo, Altavista, etc.)
 - b () em *sites* que já conheço
 - c () seguindo os *links* de *sites* que já conheço
 - d () em bibliotecas virtuais
 - e () em *sites* indicados por professores
 - f () em *sites* indicados pelo bibliotecário escolar
 - g () em *sites* indicados por amigos
 - h () de outra maneira
-

